

A mulher e o negro na poesia de Ivan Cupertino.

Danielle da Costa Rocha*

No atual momento em que vivemos, no qual identidades e identificações têm sido objeto de análise, encontramos nos estudos culturais a base teórica para tais discussões. A obra literária não é mais vista como uma arte sem raízes no social e, como conseqüência, a figura do autor passa a ter um papel importante em tais estudos. Este, a partir de seu ponto de vista, combate estereótipos e desmistifica verdades “absolutas” que eram propagadas sem serem questionadas. Portanto, esse viés da literatura, que tem como fundamento o gênero, a raça, as identidades ou identificações em geral, é importante uma vez que contribui a gerar reflexões. Faz-se, então, relevante uma leitura direcionada a tais obras, e tendo isso em mente foi que escolhemos as obras do poeta Ivan Cupertino para objeto de análise desse artigo.

Ivan Cupertino é um poeta mineiro que nasceu em Nova Lima no ano de 1963. Em suas obras *Ave de Rapina* (1985), *Exercício de Existência* (1988) e *Feminino* (1991), observamos que o autor aborda explicitamente problemáticas relacionadas a segmentos excluídos da sociedade. Encontramos em suas poesias um eu lírico preocupado não somente com delírios de amor, mas preocupado, também, em fazer de seus versos um canal direto, entre o poeta e o leitor, de levantamento de problemas e inquietações que têm como objetivo gerar reflexão.

A poesia produzida pelo autor tem como característica principal dar voz àqueles que não possuem condições de se fazer ouvir. Percebemos que o “outro” deixa não é mais um conceito teórico, e sim enunciador de sua história. Com esse novo papel, tal sujeito pensa em questões que dizem respeito a si e aos de seus pares. Os temas da mulher e do negro são freqüentes, evidenciando o ponto de vista do poeta, ou seja, marginal.

Por dar voz a esses dois segmentos excluídos, outro tema importante na produção poética de Ivan Cupertino é o tema do silêncio que cerceia tanto a mulher, quanto negro. O autor faz inversões de valores e de estereótipos, o que dialoga com o conceito de Barthes no qual diz que “em cada signo dorme um monstro: um estereótipo”. O próprio poeta expõe no prefácio de seu livro *Exercício de Existência* (1988) que “existe a intenção de levantar o problema, motivar questionamentos, criar simpatias e cumplicidades”. Fica evidente, portanto, que o ponto de vista dos poemas marca-se por um olhar periférico e afro-descendente.

Cupertino tem como tema a mulher e em alguns poemas a voz do eu – lírico expressa a solidariedade para com esta. Percebemos a exaltação da figura feminina e a quebra dos estereótipos que a configuram como simples objeto de desejo, como acontece no poema abaixo:

Mulher
(...)
Tu és mulher
E és muito mais
Que motivo de desejos libidinosos.

És força e presença.
Sustentáculo e molde

Para a construção do homem. (...)

(Ivan Cupertino:1988, 10)

Nesse texto notamos a exaltação da figura feminina, pois ela é o “sustentáculo e o molde para a construção do homem”. O poeta parece querer resgatar todo o valor do ser feminino que é perdido pelo falocentrismo que coloca a mulher sempre à margem. Em outro poema observamos a inversão do estereótipo que dá a mulher uma condição inferior:

Vânia
(...)
Quando você chegou
Tudo em mim se fez melhor,
Mais puro e mais bonito.
(...)

É preciso dizer
que você existe em mim
e esta existência
está me lapidando.

Você me faz melhor.

(Ivan Cupertino:1988, 9)

Observamos que o autor coloca o homem numa relação de complementaridade e aprimoramento frente à mulher. Esta passa a ter o papel de lapidar o homem, ou seja, trabalhá-lo para que este se torne “melhor, mais puro e mais bonito”. Fica evidente que Cupertino quebra todo um estigma de que o ser feminino é inferior e dependente, pois ele a exalta e destaca sua importância.

Em outros escritos, o eu poético possui uma voz feminina, vejamos:

Comunhão

No momento em que ele me teve
não perdi a razão,
não aconteceu desmaio,
não vi estrelas brilharem,
não esqueci o mundo.

Lembro claramente
que fui invadida
pelo gozo dele.

Quando ele se foi
eu era uma lembrança
e ele
uma parte de mim.

(Ivan Cupertino: 1991,55)

Nesse poema, percebemos um eu lírico feminino referindo-se ao momento do ato sexual e elaborando, via linguagem, a desconstrução do imaginário romântico que envolve o relacionamento entre homem e mulher. A figura feminina não é mais aquela que desmaia, delira e suspira, há uma ruptura com a figuração em que a

mulher é sempre seduzida e que não tem controle da situação. Nas duas primeiras estrofes percebemos um eu poético consciente e sujeito de si, ou seja, o ser feminino sabe que está e quer estar na situação de controle de si mesma. Porém, o tom do poema muda da segunda para terceira estrofe, pois quando o eu lírico coloca que a mulher torna-se uma lembrança e o homem presença viva no filho que espera, há uma crítica sendo feita ao sexo sem compromisso, que gera depois da saciedade carnal o abandono. Portanto, observa-se que o autor traz à tona, de forma poética, facetas do mundo real com o objetivo de causar reflexão no leitor.

Tanto quando trata da mulher enquanto tema, quando esta assume a voz do texto, percebemos a intenção do autor de romper com o estabelecido e relativizar algumas “verdades”. Porém, sabemos que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes...”(Hall: 2005,38). Ou seja, a identidade feminina, como todas as outras, é formada desde o nascimento de uma pessoa. Portanto, o ser e sentir-se mulher somente a figura feminina possui. Percebemos que o tratamento do universo da figura feminina, dado tanto pelo eu poético masculino, quanto pelo feminino, é marcado por uma sutileza em comparação quando se trata da temática negra. Observamos, portanto, uma mudança de tom ao tematizar a realidade do afro-descendente:

Grilhões III

Somos negros,
e o chicote precisa ser cortado,
os grilhões quebrados,
as amarras rompidas.
As correntes precisam desfazer o elo,
o sol deixará de calcinar
nossas costas.

A foice não será braço.
Ser negro não será nosso crime.
Ser negro será nossa força,
nosso grito de liberdade,
nossa voz que se levanta
para se fazer ouvir,
para se fazer sentir.

(Ivan Cupertino:1985,59)

Observamos no poema um olhar crítico que consegue ver que os negros, ainda, não foram totalmente libertos, que “há grilhões, chicotes e amarras” que os prendem e os castigam. Percebemos que o eu poético não apenas relata a história dos afro-descendentes como um observador que está de fora. Existe uma emoção e subjetividade emanada no coletivo. O autor se assume como negro, vincula sua história à dos antepassados e fala em primeira pessoa: "Somos negros".

Notamos uma mudança de postura de voz do eu lírico quando este fala da mulher ou se traveste em voz feminina, em comparação a quando fala do negro. Por mais que os dois poemas citados (Comunhão e Grilhões III) sejam poemas-denúncia que falam sobre a realidade da mulher e do negro, percebemos uma clara mudança de posicionamento do eu poético. Pois, quando o poeta se propõe a escrever sobre o tema do negro sua poesia passa a não ser somente uma poesia de

denúncia, mas de manifesto e resistência, ou seja, há uma forte subjetividade no poema, pois o autor é e se quer negro e traz consigo toda sua história, toda sua experiência de negritude, o que não acontece com os poemas onde há o eu lírico feminino. Percebemos, portanto, que a memória participa na formação da identidade do sujeito. A literatura de Cupertino é, então, uma literatura de negritude, no sentido de “indicar as manifestações ideológicas que dizem respeito a identidade do negro” (SWARTZ:1995, p.586).

O autor faz textos-denúncia que parecem mais gritos de revolta quando a temática é a do afro-descendente, e cabe ressaltar que o grito é ecoado de baixo para cima. A literatura por ele produzida é uma literatura afro-brasileira que busca resgatar a história de seus antepassados e de maneira crítica analisar a situação do negro na contemporaneidade. No poema abaixo, percebemos que Cupertino mais uma vez, se assume como negro tendo um posicionamento claro. O autor faz inversão de estereótipos, critica a exploração que os afro-descendentes ainda sofrem, e denuncia o pensamento existente de raça superior e inferior. Vejamos:

Nós, Os Homens De Pele Escura

Nós,
os homens de pele escura,
somos
tão belos e sensuais
quanto os outros. (...)

(...)nossa ginga,
nosso sorriso,
nosso cheiro
e nosso silêncio
vão continuar presentes,
até que vocês,
homens de pele clara,
entendam que somos gente.

Até chegar este dia,
vocês irão se iludindo
na certeza inocente
de serem superiores.

(nós os vemos e os achamos
tão tolos, que pedimos a deus
que este dia chegue logo
e possamos viver juntos,
respeitando as diferenças
e nos encontrando nas semelhanças)

(Ivan Cupertino:1988,61/62)

O fragmento do poema consegue passar uma emotividade e revolta singular ao leitor porque o que é exposto é a experiência do poeta enquanto negro. Ao promover a valorização da beleza afro-descendente o eu lírico afirma que esta é objeto de inveja e cobiça por parte dos “homens de pele clara”. Como podemos perceber, o

ser e sentir-se negro com todos os seus “problemas” estão presentes nesse texto. Quando Cupertino se propõe a escrever sobre o negro, do ponto de vista deste, fazendo as escolhas da linguagem ele se afirma e se quer afro-brasileiro.

Uma característica marcante da literatura afro-brasileira é a transformação da voz individual em voz coletiva que deseja apropriar-se das lembranças de um passado escravocrata como forma de conscientização e luta contra os preconceitos do presente. Esse traço percebemos na poesia de Ivan Cupertino quando trata da temática negra não somente na contemporaneidade. Ele resgata a história de seus antepassados com um olhar crítico e uma voz de denúncia. Percebemos também toda uma emotividade no resgate dessa história:

Grilhões II

(...)
Somos negros,
e éramos nós e a foice,
ambos iguais,
um contemplava o outro.
Ela como um
prolongamento do braço.
O braço como um
corpo que lhe faltava.
E as mãos calosas e duras,
já se identificavam com a foice,
tornaram-se amigas e confidentes.
Ela contava-nos das pedras,
das terras das águas,
de tudo que encontrava
em sua labuta diária.
Nós
falávamos das saudades,
do cansaço.
da dor do chicote em nosso corpo,
e nos fizemos amigos.

(Ivan Cupertino: 1985, 58)

O autor resgata a história de seus antepassados com um tom de denúncia dos maus tratos e ao rebaixamento do ser humano a mera força de trabalho, uma peça da engrenagem produtiva, numa relação metonímica com a ferramenta. Notamos, em suas obras, vários poemas de resistência negra e de denúncia ao preconceito racial. “É a poesia buscando ser mais que motivos de delírio de amor e desejos” (CUPERTINO, Prefácio, 1988).

O ponto de vista que observamos na obra do poeta é o daquele que está na base da pirâmide social. Como o autor trata de dois segmentos da sociedade que são frequentemente excluídos - a mulher e o negro - o tema do silêncio é algo recorrente. É o que acontece em seu livro *Feminino* (1991), cujo assunto principal é a censura da voz, embora o título da obra nos faça pensar que seja o ser feminino. O autor parece querer definir o silêncio utilizando vários sentidos: ora este está ligado com a fuga (p.19), ora nem sempre é mudo (p.23), ora é tido como solidão (p.51), ora é um desejo de cio (p. 37) e, às vezes, é tido como afago (p.58).

Parece-nos claro que há uma relação entre os temas: mulher, negro e censura da voz, pois a tentativa de querer definir a não expressividade brota de alguém que certamente conviveu com a impossibilidade de ser ouvido por ser negro e que hoje dá voz, em seus textos, a esses dois segmentos da sociedade que ainda não conseguiram sair dos estigmas e nem se desvencilhar dos estereótipos sociais que os condenam à inferiorização. Da leitura do poema abaixo, podemos inferir que o silêncio condiciona a existência desses dois segmentos sociais:

Poema II
(...)
O que somos senão silêncios?
Bocas e pernas e braços e mãos
na desesperada vontade de encontrar?(...)

O que somos
senão senões?

(Ivan Cupertino: 1991, 11)

Nesse texto, o autor relata a fragmentação do sujeito, composto por “vazios”, “lacunas”, “fragmentos”, e marcado pela eterna busca da realização de seus desejos. O eu poético parece querer desafiar o leitor a responder a pergunta “o que somos senão silêncio?” Os dois últimos versos do poema indicam que o eu-lírico refere-se àqueles que são vistos como exceção: “o que somos / senão senões” e desta perspectiva podemos reconhecer ali uma sutil voz marginalizada.

Percebe-se, portanto, que a poesia de Ivan Cupertino tem como característica principal “emanar ao silêncio a voz daqueles que não possuem condição de se fazer ouvir” (CUPERTINO, Prefácio, 1988). Como o ponto de vista é o fio condutor das escolhas da linguagem, percebemos através das análises que o autor se afirma como afro-brasileiro e coloca em suas obras toda sua experiência de negritude. Fica evidente que o ponto de vista do autor é o ponto de vista dos oprimidos. A cada poema percebemos levantamentos de problemas e questionamentos criando simpatias e cumplicidades entre o leitor e o poeta. Percorrer as páginas de suas obras é uma experiência que nos leva a pensar sobre nossas fendas: desigualdades e preconceitos que ainda estão presentes em nosso meio.

* Graduanda em Letras pela UFMG

Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix,
CUPERTINO, Ivan. *Ave de Rapina*. Nova Lima/MG: Ed. do Autor, 1985. (poesias)
CUPERTINO, Ivan. *Exercício de Existência*. Nova Lima/MG: Ed. do Autor, 1988.
(poesias)
CUPERTINO, Ivan. *Feminino*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1991.
HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da
Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

SCHWARTZ, Jorge. *Negrismo e negritude In Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 1995.p.579-590.